

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A IDOLATRIA PROTESTANTE (PÓS)MODERNA E O USO DO MONTE COMO LUGAR SAGRADO EM EZEQUIEL 6.2-3

The protestant idolatry (post) modern and the use of the mount as a sacred place in Ezekiel 6.2-3

Me. Wanderley Lima Moreira¹

RESUMO

O presente artigo aborda a idolatria evangélica atual a partir do livro do profeta Ezequiel. A pesquisa reflete sobre os atos de responsabilidade da igreja brasileira em tempos (pós) modernos, quando fica cada vez mais evidente o retorno à idolatria devido algumas práticas sincréticas. Algumas igrejas brasileiras mudaram com o decorrer do tempo, de forma que as bases da Reforma Protestante ficaram esquecidas, e agora, aquelas que deveriam pregar contra a idolatria; praticam e incentivam. Este artigo pretende demonstrar de que forma o culto no monte representa um retrocesso à idolatria medieval e como o protestantismo pode se esforçar para suprimir essa prática.

Palavras-chaves: Idolatria. Igreja. Monte. Protestantismo.

ABSTRACT

This article addresses current evangelical idolatry from the book of the prophet Ezekiel. The research reflects on the acts of responsibility of the Brazilian church in (post)modern times when it becomes increasingly evident the return to idolatry due to some syncretic practices. Some Brazilian churches have changed over time, so that the bases of the Protestant Reformation have been forgotten, and these, which should make an apology against the idolatry; practice and encourage it. This article intends to demonstrate how the worship on the mount represents a step backward to medieval idolatry and how Protestantism can strive to suppress this practice.

¹ O autor possui mestrado em pelas Faculdades Batista do Paraná. É professor de Hebraico e Exegese da Antigo Testamento no Seminário Batista do Espírito Santo. E-mail: wanderleylima@bol.com.br

Keywords: Idolatry. Church. Mount. Protestantism.

INTRODUÇÃO

De acordo com Sellin e Fohrer, o livro de Ezequiel leva “o seu nome, Ezequiel, filho de um certo Buzi”² – evidência interna da autoria do livro, que pode ter sido o primeiro profeta entre os deportados,³ se for levado em conta principalmente a tradição oral, bem como, textos como por exemplo, Ezequiel 1.3, o qual afirma: “eis que a palavra de Yahweh, o Senhor, veio a Ezequiel, filho do sacerdote Buzi, junto ao rio Quebar, nas terras dos caldeus”.⁴

O nome do profeta, *Yehezque'l* (Ezequiel), que significa “Deus fortalece”⁵ – revela não apenas a força profética do livro, mas também a grandeza de Yahweh como o Senhor a ser adorado e engradecido por aqueles que, por desobediência, estavam exilados. Ezequiel profetizou à geração rebelde de sua época, e segundo Archer Jr, é possível afirmar que o tema central do livro é a queda de Jerusalém e o cativeiro babilônico como correção divina a um povo desobediente, para “afastá-lo da desgraça completa”.⁶ Esta era uma geração extremamente pecaminosa e completamente sem esperança.

A obediência à lei é uma marca bem presente no livro, isto porque o povo de Israel precisava voltar-se para Yahweh também através das orientações de Ezequiel. Segundo Robert Wilson, “a proveniência sacerdotal do profeta está claramente refletida em sua linguagem, que acusa laços estreitos com o código de santidade (Lv 17-26)”.⁷

Neste texto, se pretende relacionar alguns textos do livro com a idolatria protestante (pós)moderna. Para isto, cabe aqui explicar o termo (pós)moderno e o porquê da utilização desta ser posta entre parênteses. Em primeiro lugar, quando se fala em protestantismo e sociedade, está muito claro que existe um equívoco contextual na (pós) modernidade que apresenta práticas sincréticas em termos de culto em algumas igrejas protestantes. Os dados do IBGE,⁸ sobre a quantidade de igrejas protestantes no Brasil e os noticiários mostram esta realidade de forma bem clara. Se há 26,2 milhões de evangélicos, ou seja, 15,4% da população, qual é o motivo de um estado como o Rio de Janeiro, com 23,05% de evangélicos, ter um nível tão alto de marginalidade, divórcio e mortes? Seria por que este grupo de igrejas se preocupam mais com as questões metafísicas do que com a prática da fé? Por que a igreja, neste caso, não consegue influenciar positivamente a sociedade? Uma vez que a sociedade brasileira espera que esta seja uma agência de transformação nos locais onde está inserida, porém, um grupo representativo deste setor da sociedade tem se preocupado mais com as

² SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de D. Matheus Rocha. São Paulo: Paulus; Academia Cristã, 2012, p. 569.

³ SCHWANTES, Milton. **Sufrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.** São Paulo: Paulinas, 1987, p. 73.

⁴ **BÍBLIA KING JAMES ATUALIZADA**. São Paulo: Abba Press, 2012, p. 1489.

⁵ ARCHER Jr, Gleason L. **Panorama do Antigo Testamento**. 4.ed. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 464.

⁶ ARCHER Jr, 2012, p. 464.

⁷ WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade**. 2.ed. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus; Targumim, 2006, p. 329.

⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

questões da metafísica cristã, enfatizando a relação divino-humano a partir da adoração em lugares altos em detrimento de sua verdadeira missão, ser agente transformador.

É com base nestas e outras perguntas que este artigo foi escrito. A influência das igrejas protestantes – em termos de cura e transformação de vidas – tem diminuído a cada dia, o que demonstra a desconfiança de uma parcela da sociedade em relação ao cristianismo. de forma que é evidente o afastamento de Yahweh e sua Palavra, e uma das maiores evidências e umas causas desta desconfiança é a idolatria da adoração nos montes que invadiu os templos cristãos, como no capítulo 6 de Ezequiel, que José Luiz Sicre Díaz nomeia como “Contra os montes de Israel”.⁹ Assim, seguem algumas considerações presentes no exílio do sexto e sétimo séculos antes de Cristo, denunciado por Ezequiel, relacionando-as com a idolatria protestante presente nas igrejas (pós)modernas, de forma que é possível dizer que o protestantismo está fora de sua época própria, uma vez que voltou ao pecado de idolatria medieval e, posteriormente, (pós)moderna. Em termos sociais um grupo de igrejas revelam um tipo de protestantismo não atrai, influencia pouco e apresenta rachaduras doutrinárias.

1. VISÃO DA IDOLATRIA A PARTIR DE EZEQUIEL 6 E SUA PROXIMIDADE COM OUTROS TEXTOS BÍBLICOS E COM A CONTEMPORANEIDADE

Em seu ministério profético, “Ezequiel está angustiado pela idolatria persistente do povo de Deus”¹⁰ e procura levar o povo ao arrependimento. Isto é demonstrado em todo o livro. Seu esforço parecia inútil, de forma que uma frase, já no capítulo 6, demonstra a insatisfação de Yahweh através da sentença “profetiza contra eles”.¹¹ O povo de Israel estava desonrando Yahweh através da idolatria, de forma que, nas palavras do próprio Deus, como pode ser visto em Ezequiel 2.3-6, este povo é “rebelde, obstinado, teimoso”.¹²

Seguem abaixo as acusações e sentenças de Yahweh no capítulo 6, utilizando a Bíblia King James em língua portuguesa:

Texto	
Ez 6.2	Filho do homem, vira o teu rosto contra os montes de Israel ; profetiza contra eles.
Ez 6.3	e prega: ‘Ó montes de Israel, ouvi a Palavra do Senhor Deus. Assim declara Yahweh, o soberano Deus aos montes , às colinas , às ravinas e aos vales: Eis que eu mesmo trarei a espada sobre todos vós e exterminarei os vossos altares idólatras em todas as colinas.
Ez 6.13	E assim saberão que Eu Sou Yahweh, o Senhor quando o seu povo estiver aniquilado sobre o chão da cidade, morto entre os seus ídolos, ao redor de seus altares de pedra, em todo monte alto e em todo topo de montanha; debaixo de carvalho frondoso e em todos os lugares nos quais eles tinham o prazer de oferecer incenso aromático em homenagem a todos os seus ídolos inúteis.

⁹ DÍAZ, José Luis Sicre. **Introdução ao profetismo bíblico**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 264.

¹⁰ BROWN, Raymond. **Entendendo o Antigo Testamento**: esboço, mensagem e aplicação de cada livro. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2012, p. 141.

¹¹ BÍBLIA KING JAMES, 2012, p. 1496.

¹² BÍBLIA KING JAMES, 2012, p. 1490.

É importante lembrar que, neste artigo, a base teológica emerge dos textos apresentados acima. Neles é possível perceber que as sentenças são direcionadas aos lugares de elevação geográfica.

A adoração dos ouvintes de Ezequiel estava baseada em códigos de conduta, e todos eles sabiam fazer a correlação deserto-exílio. Isto porque, no deserto, o povo de Israel já havia desobedecido a Yahweh, mas, após a intervenção de Moisés (Êx 34.1-26), o Senhor derramou graça e misericórdia, como explica Carlos Osvaldo Pinto, sobre estes acontecimentos:

A aliança de Yahweh com Israel é graciosamente restaurada, à medida que Ele se revela a Moisés, renova suas exigências para com o povo [...] A aliança é renovada e suas estipulações resumidas com ênfase para o aspecto ritual (34.10-26). Israel deve permanecer obediente a seu Deus que operava milagres a seu favor (34.10,11). Israel não deve fazer alianças com nações pagãs, pois isso a levaria à idolatria (34.12-17).¹³

Percebe-se o zelo, para não dizer ciúme, que Yahweh tem de seu povo, porém Ele não negocia com os homens, nem volta atrás com seu pacto de amor, conforme o próprio livro de Ezequiel apresenta em 18.4: "Todas as vidas são minhas; tanto a do pai como a do filho; e aquele que pecar é que deve pagar com a própria vida."¹⁴

A própria pregação de Ezequiel é uma demonstração do amor de Yahweh, que diz: “não tenho qualquer prazer na morte do incrédulo, mas sim a minha alegria está em que o ímpio venha a ser convertido, se desvie do seu mau caminho e viva” (Ez 18.32).¹⁵ A responsabilidade de praticar os termos da Aliança e se mostrar obediente diante de Yahweh eram dois pontos inegociáveis para o povo de Israel. De forma que o capítulo 6 do livro de Ezequiel apresenta de forma dramática a quebra da lei; por este motivo grave, Yahweh dirá, em Ezequiel 33.11, que o povo deve se arrepender e voltar para os braços dele, refazendo o pacto da aliança. Logo, desobedecer adorando nos altos era o prenúncio de um retorno à idolatria, como acontece na contemporaneidade em determinados grupos cristãos. Em algumas destas igrejas, seus adeptos fazem rituais sincréticos nos montes, desconsiderando a ordem divina e promovendo uma espécie de espetáculo religioso, como observa Hovestol, pois este

[...] é praticado o tempo todo em todas as partes do mundo, diariamente [...] Os seres humanos são inevitavelmente religiosos. Temos um senso profundo do espiritual, um anseio pelo sobrenatural e um profundo desejo de nos conectar com o divino [...] Até mesmo em nosso mundo moderno, o mundo pós-Deus [...].¹⁶

Os problemas associados à idolatria (pós)moderna estão relacionados não apenas à desobediência, mas também à necessidade que o ser humano tem de representar sua fé simbolicamente. É por isto que, durante o período da Reforma, os estudiosos da Bíblia protestaram – por isso o termo ‘protestante’ – contra o enriquecimento da igreja romana, a

¹³ PINTO, Carlos O. **Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 87.

¹⁴ BÍBLIA KING JAMES, 2012, p. 1518.

¹⁵ BÍBLIA KING JAMES, 2012, p. 1551.

¹⁶ HOVESTOL, Tom. **A neurose da religião: o desastre do extremismo religioso**. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 95.

qual utilizava a própria Bíblia para alienar o povo através de simbolismo materiais, desobedecendo a Êxodo 20.4.

Sobre esta insistência em procurar simbolizar sua fé, Jung disse, em 1960,¹⁷ que este tipo de comportamento humano é, na verdade, uma ignorância cega.

[...] o homem moderno é, na verdade, uma curiosa mistura de características adquiridas milenarmente. E é desse ser, resultante da associação homem-símbolos, que temos de nos ocupar, inspecionando sua mente com extremo cuidado [...] os seus preconceitos ultrapassados, hábitos de pensar e sentir obsoletos, erros obstinados e uma ignorância cega. São esses os seres humanos contemporâneos, produtores de símbolos.¹⁸

Atualmente, a adoração em lugares geograficamente determinados ganha força diante da grande mobilização pró-milagres, que atrai pessoas de todas as classes sociais. A natureza deste movimento está na compreensão de “que a cosmização¹⁹ dos territórios desconhecidos é sempre uma consagração”.²⁰ É a busca pelo território onde as ‘coisas acontecem’. Onde o homem consegue ‘ver’ e ‘sentir’ a ação divina, não através do Ser-Em-Si, mas da crença de que é naquele espaço geográfico elevado que a terra pode se conectar com os céus. Assim,

[...] a comunicação com o céu é expressa indiferentemente por certo número de imagens referentes todas elas ao Axis mundi: pilar, escada, montanha, árvore, cipós etc; em torno desse eixo cósmico estende-se o mundo – logo, o eixo encontra-se no meio, no ‘umbigo’ da Terra, é o centro do mundo.²¹

No livro de Ezequiel, é possível verificar uma nova missão, que é inerente ao caráter discursivo do profeta. Segundo Ralph Klein, uma vez que “a missão de Ezequiel era a de levar novas muito más” não apenas para o povo de Israel, mas também todo o Israel que existiu desde o Êxodo até o Exílio”,²² o que é reforçado nesta perícopes, pois “em Ezequiel 6-7 o profeta segue a linha deuteronomista, segundo a qual o julgamento sobre Jerusalém é inevitável por causa dos pecados passados do povo”.²³

Adorar no monte, como se fala hoje em dia, tornou-se uma prática não apenas em igrejas pentecostais e neopentecostais, mas também entre igrejas históricas. Não cabe aqui mensurar a quantidade de igrejas históricas que já aderiram a esta prática, o que sugere novas pesquisas. Porém, é preocupante que o povo de Deus esteja voltando a velhas práticas anteriormente proibidas. Os textos dispostos no quadro abaixo indicam um descontentamento da parte de Yahweh com a adoração que imitava costumes de povos pagãos.

¹⁷ O psiquiatra suíço Karl Jung (1875-1961) dedicou os últimos anos de sua vida na obra: O homem e seus símbolos, lançado com o título “*Os mitos antigos e o homem moderno*”.

¹⁸ JUNG, Karl. **O homem e seus símbolos**. 2.ed. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 121.

¹⁹ Ato de consagrar o local atribuindo poderes cósmicos ou divinos.

²⁰ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 35.

²¹ ELIADE, 2010, p. 39.

²² KLEIN, Ralph W. **Israel no exílio**: uma interpretação teológica. Tradução de Edwino Ryer. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2012, p. 131.

²³ WILSON, 2006, p. 331.

Textos Bíblicos (NVI) ²⁴	
Números 33.52	Destruam todas as imagens esculpidas e todos os ídolos fundidos, e derrubem todos os altares idólatras deles.
Levítico 26.30	Destruirei os seus altares idólatras, despedaçarei os seus altares de incenso e empilharei os seus cadáveres sobre os seus ídolos mortos, e rejeitarei vocês.
João 4.21	Jesus declarou: Creia em mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém.

É fácil perceber que as práticas da adoração no monte no contexto da igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Mundial do Poder de Deus e da Igreja Cristã Maranata, são resultados de uma má compreensão da metanarrativa bíblica. Isto, porque desde os primórdios o ser humano busca milagres e contatos com os deuses através de uma aproximação onde a imanência divina toque animais, objetos e lugares, proporcionando mais segurança ao religioso. Segundo Mircea Eliade,

Temos, pois, de considerar uma sequência de concepções religiosas e imagens cosmológicas que são solidárias e se articulam num sistema, ao qual se pode chamar de sistema do mundo das sociedades tradicionais: a) Um lugar sagrado constitui uma rotura na homogeneidade do espaço; b) essa rotura é simbolizada por uma ‘abertura’, pela qual se tornou possível a passagem de uma região cósmica a outra.²⁵

A corrida por uma vida melhor e o misticismo protestante, que combina elementos pagãos com elementos de matriz africana, deslocou o eixo original da prática mística – criticada pelos reformadores – e produziu cristãos que acreditam na abertura de um portal mágico e sobrenatural em variadas localidades do Brasil, em que grupos de seguidores sobem lugares altos para se comunicar com Deus.

Quando Yahweh apresenta sua reprovação no ato de adorar em lugares altos, parece querer preservar o seu povo de cair na armadilha da proliferação da idolatria, que culminaria no que hoje é denominado secularismo. Pois, ao sacralizar o monte, o indivíduo ‘tira’ o poder das mãos de Yahweh e ‘transfere’ sua autoridade para aquele espaço geográfico. O termo alto é “utilizado na Bíblia para designar tais santuários, tanto cananeus como israelitas é *bamah*, dando a ideia de altura”.²⁶

No site de um destes grupos, é possível ler a afirmação de um seguidor: “Quando eu soube, corri para pedir a ajuda do Senhor e vim até a Cidade Mundial dos Sonhos de Deus”.²⁷ Nestes grupos cristãos, o bispo responsável pelo culto no monte realiza o milagre a partir do ritual de consagração da tolha que será colocada sobre o doente para receber a cura, uma vez que esta recebe a oração da madrugada no monte, numa experiência semelhante à que é

²⁴ **BÍBLIA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2010.

²⁵ ELIADE, 2010, p. 38.

²⁶ VAUX apud KUNZ, Marivete Z. Os espaços sagrados do povo de Israel no Antigo Testamento. **Via Teológica**, Curitiba, n. 20, p. 41-84, dez/2011, p. 65.

²⁷ CORREIA, Victor. **Conhecer o poder de Deus faz a diferença**. Disponível em <<https://www.impd.org.br/milagres/1317>>. Acesso em 22/12/2016.

encontrada nos “textos como a *Epopéia de Gilgamesh* e nos poemas de *Ras Shamra*”, nos quais “as montanhas são vistas como habitação dos deuses e locais sagrados”.²⁸

O conceito de sagrado é extraído a partir da pesquisa de Marivete Kunz, que defende a sacralidade de um ser ou objeto pressuposta na “raiz *qādash*, usada para referir-se ao sagrado”, uma vez que “este termo envolve a ideia de santidade e também serve para distinguir aquilo que é comum daquilo que é profano”.²⁹

O pesquisador da Bíblia precisa utilizar ferramentas hermenêuticas para não tirar a interpretação do contexto. Dessa forma, no Antigo Testamento podem ser testemunhadas várias perícopes onde o próprio Yahweh fez milagres e contatos com o ser humano. Alguns grupos cristãos utilizam o=textos isolados do Antigo Testamento para embasar suas práticas sincréticas em rituais de cura e libertação. Por exemplo, Yahweh pergunta se alguém pode subir ao monte do Senhor (Sl 24.1-5); também quando Moisés sobe ao monte para falar com Deus (Êx 24.13), ou até mesmo quando Yahweh realiza um milagre, através do profeta Elias, no Monte Carmelo (1 Rs 18). Fazer uso destes textos demonstra a ausência de aprofundamento hermenêutico e exegetico, pois, quando estes fatos aconteceram, foram com pelo menos dois objetivos: 1) apresentar, de forma progressiva, as grandes maravilhas de Deus, a fim de que o livro sagrado, a Bíblia, apresentasse as qualidades divinas para que futuros leitores cressem pela fé; 2) o uso de uma didática divina quase propedêutica, pois os ensinamentos morais de Yahweh são reproduzidos como uma introdução ao evangelho apresentado no Novo Testamento. Sendo assim, adorar no monte, conforme Ezequiel e os textos citados, os servos de Yahweh devem entender que o Senhor faz o milagre de acordo sua soberana vontade e não seguindo a rigidez ritualística ou métodos humanos, por isso, “a mensagem de Ezequiel será dura, amarga, mas para ele, identificado com a vontade de Deus.”³⁰

2. PRÁTICA EQUIVOCADA DE ORAR NOS MONTES, A PARTIR DE EZEQUIEL E SUA PROXIMIDADE COM A CONTEMPORANEIDADE

Conforme foi dito no capítulo anterior, nem toda adoração nos montes foi proibida no Antigo Testamento, pois algumas narrativas mostram não apenas o poder de Yahweh, mas também contribuíram para o crescimento espiritual do povo de Deus, como em Gênesis 12, na narrativa que Abraão edifica no monte Hebron, e até mesmo em Gênesis 22, onde o mesmo Abraão constrói um altar no monte Moriá.

Pressuposto na teoria da revelação progressiva das Escrituras, é possível afirmar que na primeira etapa da metanarrativa, a saber, o Antigo Testamento, Yahweh permite algumas ações, para posteriormente retirar a prática no Novo Testamento. Vale lembrar que cada nação tem uma necessidade de buscar sua identidade religiosa através da adoração. Por este motivo, Yahweh parece permitir no início, para em seguida ensinar ao povo a diferença entre a adoração que depende de matéria e provas e a adoração pela fé. Mircea Eliade diz que este primeiro comportamento demonstra que “o homem religioso assume uma humanidade que

²⁸ VAUX, *apud* KUNZ, 2011, p. 67.

²⁹ KUNZ, 2011, p. 45.

³⁰ DÍAZ, 2016, p. 257.

tem um modelo trans-humano, transcendente. Ele só se reconhece verdadeiramente homem quando imita os deuses, os heróis civilizadores ou antepassados míticos”.³¹ Desta forma, é possível afirmar que na (pós)modernidade, há aqueles que imitam a conversa de Moisés com Yahweh no monte, como, por exemplo, a Igreja do Evangelho Quadrangular, que defende a conversa face a face com Deus. Para este grupo religioso,

É por meio da oração que ligamos o céu na Terra [...] buscar a face do Senhor em todo o tempo [...] Os trabalhos consistem em equipes de intercessão que atuam nas madrugadas orando por pedidos de oração recolhidos em diversas igrejas da Quadrangular. Quando não estão passando noites em claro no monte, a equipe se reúne em campanhas de vigílias para clamar pela Igreja e por nossa nação.³²

Neste caso particular, o religioso do grupo espera receber uma intervenção divina como se estivesse no Monte Carmelo, sente a necessidade de ser reconhecido, de ter uma identidade; ato este que o torna mais forte e espiritual do que os demais integrantes do grupo, uma vez que ele está no “lugar mais próximo do céu”, onde “pode-se atingir o céu, pois se trata de um lugar alto”.³³ Em outro grupo, por exemplo, foi identificado que pessoas colocaram o nome de uma determinada região nas montanhas capixabas, no estado do Espírito Santo, através de uma incursão religiosa com o objetivo de buscar o batismo com o Espírito Santo. Segundo consta no site do grupo religioso:

O primeiro grupo que subiu para o Maanaim foi de jovens, que foram buscar o batismo com o Espírito Santo. Na ocasião o Senhor revelou que o lugar se chamaria Maanaim. Inicialmente, o Maanaim ocupava uma área de três alqueires.³⁴

É interessante notar a ênfase no local geográfico, pois, sendo Yahweh Espírito (Jo 4), o próprio Jesus enfatiza que o melhor lugar de oração é em lugar secreto e de forma individual (Mt 6.6). Porém, agora, em pleno século 21, é notório o retorno a práticas idolátricas e sincréticas, quando pessoas são incentivadas a ouvir orientações fora da Bíblia e nos montes, como pode ser visto no relatório abaixo:

Esse grupo de servos passava ali longos períodos em oração, para ouvir da boca de Deus as orientações para a obra que se iniciava. O acesso era difícil, o frio intenso e a falta de infraestrutura era total [...] inicialmente, o lugar era usado para vigílias, encontros de jovens e senhoras. Anos depois veio a orientação do Senhor Jesus para a principal destinação do lugar: realização de seminários.³⁵

É possível afirmar que este grupo esqueceu as palavras de Yahweh escritas em sentenças no capítulo 6 do livro de Ezequiel. Afirmar que “o Senhor revelou que o lugar se

³¹ ELIADE, 2010, p. 88.

³² Grupo de oração. Disponível em <<http://www.portaligrejaquadrangular.com.br/portal/coordenadorias-oracao.asp>> Acesso em 22/02/2017.

³³ ELIADE, 2010, p. 40.

³⁴ O passado e o presente da Cidade de Maanaim. Disponível em: <<http://www.igrejacristamaranata.org.br/?p=1063>> . Acesso em 04/11/2016.

³⁵ Disponível em: <<http://www.igrejacristamaranata.org.br/?p=1063>> . Acesso em 04/11/2016.

chamaria Maanaim” é rasgar toda orientação bíblica quanto ao fechamento do cânon. Mais do que isto, em termos cosmológicos, essa concepção religiosa traduz-se pela projeção do território privilegiado,³⁶ onde a ênfase e o motivo do milagre acontecem pressupostos na busca do lugar sagrado, numa crença mágico-ritual que cegamente, parece entender que ali está o portal cósmico de onde Deus desce e vem de encontro ao grupo. Mircea Eliade chama este acontecimento de “*dur-an-ki*, a ligação entre o céu e a terra” e segundo ele, “era um nome que se aplicava a vários santuários babilônicos”.³⁷

A prática de orar no monte está presente também na maior denominação evangélica do Brasil, a Assembleia de Deus. Em 10 de setembro de 2015, o jornal O Globo noticiou que os “espaços de fé chamam a atenção e atraem cada vez mais fiéis, que lotam os locais diariamente para entrar em contato com Deus”.³⁸ Este tipo de comportamento se dá pela literalidade da interpretação das Escrituras por parte destes grupos somada à alegorização midráshica que atende os anseios espirituosos de habitar ou ter acesso ao divino mundo. A leitura literal leva a erros grotescos de interpretação, pois, nela, o autor perde a autoridade, uma vez que o leitor ou intérprete usa o texto por pretexto, como observa Rafael Silva, citando Dockery:

A leitura literal consiste numa simples aplicação conatural do texto à vida das pessoas [...] é quase o uso de excertos do texto para justificar uma questão da atualidade, do leitor e intérprete. Um método corrente é o *midrash*, o qual tem as seguintes características: 1) fundamenta-se nas escrituras; 2) tem cunho homilético; 3) é uma tentativa de esclarecer os significados do texto; 4) é uma constante atualização do texto; e 5) é uma descoberta de princípios não contemplados nas seções legislativas para soluções de problemas que não aparecem nas Escrituras.³⁹

No protestantismo brasileiro percebe-se a existência de duas linhas de pensamento: a primeira e mais antiga, conservadora e avessa à prática de orar no monte (presbiterianos, metodistas, batistas, luteranos e anglicanos); a segunda, com uma teologia mais próxima de superstições e elementos originários dos cultos africanos (assembleianos, quadrangulares, universais, e demais igrejas provenientes de divisões). Sem dúvida, o segundo grupo, por abandonar a ciência, principalmente, a ciência hermenêutica, absorveu elementos pagãos do Antigo Testamento e africanos. Logo, o capítulo 6 do livro de Ezequiel pode ajudar no entendimento da queixa de Yahweh com seu povo. É possível que Ele não desejasse ser adorado por um povo que precisava ‘ver para crer’. Logo, a metanarrativa bíblica veterotestamentária aponta para uma adoração do Ser-de-Deus sem uso de acessórios, basta ler o livro de Hebreus. Segundo Ralph Klein, no livro de Ezequiel,

³⁶ ELIADE, 2010, p. 39.

³⁷ ELIADE, 2010, p. 41.

³⁸ ALVIN, Mariana. **Pontos de peregrinação de evangélicos, montes de oração se propagam na Grande Rio.** Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/pontos-de-peregrinacao-de-evangelicos-montes-de-oracao-se-propagam-no-grande-rio-17448455>>. Acesso em 06/12/2016.

³⁹ DOCKERY, *apud* SILVA, Rafael R. Leituras da Bíblia e o campo religioso brasileiro. In: **Ainda o sagrado selvagem: homenagem à Antônio Gouveia Mendonça.** São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010, p. 404-405.

[...] o leitor se cansa da interminável repetição de palavras como abominações (tô'êbôt), coisas detestáveis (síqqûšîm), ídolos (gillûlîm) e prostituições (taznûtîm) [...] aqui as montanhas de Israel são castigadas por causa de seus lugares altos [...] O vocabulário lembra o da reforma deuteronomica. Parece que aquela reforma perdera sua eficácia após a morte de Josias e sob Jeoaquim voltaram muitas das antigas práticas sincretísticas.⁴⁰

A narrativa profética que comporta os discursos de Ezequiel apresenta “oráculos contendo a palavra-chave *ídolos*”⁴¹, de forma marcante no capítulo 6. Logo, a idolatria do povo, neste capítulo, é a mola propulsora da ira de Yahweh.

Segundo Claus Westermann, os profetas desta época apelam ao “discurso de processo judicial”,⁴² de forma a apontarem para o juízo divino como uma demonstração de juízo, onde “a queda de Jerusalém exprime a cólera de Jeová contra seu povo”.⁴³ Isto se dá pelo fato de que a autoridade de Yahweh exige arrependimento e abandono da prática pecaminosa, de forma que o profeta passa a exercer um papel de mediador entre o povo, conforme observa Brueggemann, como um mediador portador da palavra de aviso:

O fenômeno geral da profecia em Israel é bastante diverso em suas muitas manifestações. Qualquer generalização sobre profecia provavelmente falhará em abranger todos os dados; contudo, nossa tarefa interpretativa exige necessariamente uma tentativa de generalização. Como modo de mediação, a profecia surge com a aparição inexplicável de indivíduos que reivindicam falar uma palavra de revelação de Javé; eles são aceitos por alguns como sendo de fato portadores dessa palavra de revelação.⁴⁴

O portador da palavra avisa sobre o mal que há de vir sobre a nação que insiste em praticar a idolatria de buscar lugares altos. Isto acontece em Ezequiel 6.1-3, como pode ser lido abaixo:

A palavra de lahweh me foi dirigida nestes termos: Filho do homem, volta a tua face para os montes de Israel e profetiza contra eles. Dir-lhes-ás: Montes de Israel, ouvi a palavra do Senhor lahweh. Eis o que diz o Senhor lahweh aos montes, às colinas, às ravinas e aos vales: Eu estou para trazer contra vós a espada para destruir os vossos lugares altos.⁴⁵

Expressões-chaves da perícopa acima:

- Palavra – versículos 1 e 3;
- Montes – versículos 2 e 3 (duplicidade no versículo 3);
- Contra – versículos 2 e 3;
- lahweh – versículos 1 e 3 (duplicidade no versículo 3);

Organizando o texto didaticamente:

⁴⁰ KLEIN, 2012, p. 137-138.

⁴¹ SELLIN; FOHRER, 2012, p. 581.

⁴² WESTERMANN, Claus. **Basic forms of prophetic speech**. Londres: Lutterworth, 2001, p. 178.

⁴³ ELIADE, 2010, p. 97.

⁴⁴ BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa**. Tradução de Jonathan Luís Hack. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2014, p. 805.

⁴⁵ **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Edição revisada e atualizada. São Paulo: Paulus, 2013, p. 1488.

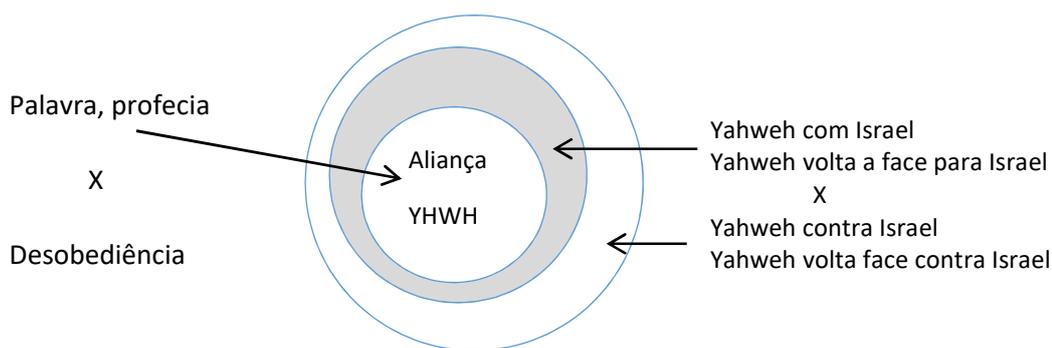
A¹ – A palavra de lahweh me foi dirigida nestes termos:

A³ – Filho do homem, volta a tua face para os montes de Israel e profetiza contra eles.

A² – Dir-lhes-ás: Montes de Israel, ouvi a palavra do Senhor lahweh. Eis o que diz o Senhor lahweh aos montes, às colinas, às ravinas e aos vales: Eu estou para trazer contra vós a espada para destruir os vossos lugares altos.

Quando se fala em Antigo Testamento, o pesquisador bíblico precisa atentar para as regras hermenêuticas, pois foi-se o tempo em que ciência e teologia se enfrentavam como forças antagônicas; pelo contrário, uma vez que “o AT trata de literatura produzida durante séculos de vida israelita”,⁴⁶ é de primordial importância determinar a dimensão axiológica da perícope escolhida e a metodologia hermenêutica a ser utilizada.

No quadro acima, verifica-se que alguns termos aparecem mais de uma vez no texto. De forma que em A¹ e A³, o autor apresenta a urgência da Palavra sentencial de Yahweh. No entanto, a força centrípeta está estacionada em A². Aqui está o centro do texto, que atrai para si as expressões: “Eis que diz o Senhor”, “dir-lhe-ás”, “a Palavra do Senhor Yahweh”, com em A¹, que traz “A palavra de lahweh”; e ainda as expressões “eu estou” e “me foi dirigida”, na sequência A² e A¹. Logo, a força da fala divina atrai seu povo de volta ao eixo teocêntrico, como segue abaixo:



Em que: a) A palavra-profecia obedecida é primordial para obediência da Aliança de Yahweh; b) Se o povo de Yahweh cumprir os estatutos da Aliança, terá atenção da face divina; c) Se o povo de Yahweh descumprir os estatutos da Aliança, terá (des)atenção da face divina.

O desenho acima mostra que o propósito de Yahweh é atrair seu povo de forma centrípeta. De alguma forma, o abandono da lei de Yahweh – representante dele em linguagem humana – empurra o povo de Israel para longe do centro ideal. Neste momento, Yahweh recorre ao uso do discurso profético, a fim de trazer seu povo ao eixo original, e, por

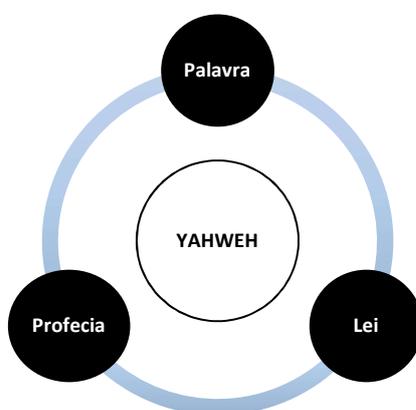
⁴⁶ JONES, Landon. **O Deus de Israel na teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2015, p. 17.

força do movimento, causa-lhes momentânea dor. Trata-se de uma espécie de segunda chance ao infiel. Isto é salvação. Isto é eleição.

Nesta perícopé, Yahweh envia uma sentença de morte para o povo de Israel com dois pressupostos divinos: a autoridade da sua palavra-ordem e a punição para Israel baseada na quebra da Aliança (Êx 20.3-4; Lv 26.1; Dt 16). De acordo com Ralph Klein,

Esta aliança eterna é decretada, dada por ordem de Deus. O caráter promissório também é denotado pelo sinal da aliança, o arco-íris, cuja finalidade é despertar a lembrança de Deus [...] O termo eterno foi usado por Ezequiel para indicar o caráter inquebrável da Nova Aliança de paz que Deus planejava para os exilados (Ez 37.26; cf. Jr 31.32).⁴⁷

Assim como o povo de Israel voltou-se para a idolatria em lugares altos, alguns grupos hoje se voltam à mesma prática. Abaixo, é possível entender a dinâmica da relação de Yahweh com seu povo, uma relação Deus-povo-Deus é sempre no movimento dinâmico pautado na obediência.



Em outras palavras, o discurso profético é uma amostra da vontade real; e ela circula em torno de Yahweh em forma de lei eterna, apresentada em palavras humanas que são transmitidas em discurso profético e que não podem ser revogadas pelo fato de que existe um contrato, uma aliança entre Deus e seu povo, oferecendo oportunidade de “renúncia a todo tipo de ídolo”.⁴⁸ Esta é um tema presente no deuteronomista “calcada nos esquemas teológicos da pregação profética e os profetas, quando recorriam ao passado”, argumenta Lamadrid, acrescentando que “é certo que Deuteronomio 4.29-31 e 30.1-10 apelam à conversão dos exilados e alimentam, conseqüentemente, a confiança num futuro melhor”.⁴⁹

É bom lembrar que a revelação bíblica e de uma teologia equilibrada sempre se deu num movimento vertical, de cima para baixo, como observa Landon Jones:

⁴⁷ KLEIN, 2012, p. 227.

⁴⁸ LAMADRID, A. G. **As tradições históricas de Israel**: introdução à história do Antigo Testamento. Tradução de José Maria Almeida. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 130.

⁴⁹ LAMADRID, 2015, p. 128.

Uma das pressuposições desta teologia é que Deus tem que se revelar antes de ser conhecido [...] os escritores do AT aceitaram a existência de um Deus invisível, todo-poderoso, criador dos céus e da terra e que se fez conhecer.⁵⁰

O protestantismo brasileiro, com raras exceções, na pressa e na obsessão por aumentar o número de membros em suas igrejas – o que gera um grau de alavancagem maior no fluxo de caixa contábil – preferiu voltar às velhas práticas idólatras. Muitos cristãos continuam a subir os montes em suas cidades, a fim de forçar uma experiência com Deus, crenças de que o lugar “sagrado” em que oram possui o portal místico capaz de permitir o tráfego do mundo ao habitat divino. Neste caso, o ritualismo que torna determinada área geográfica uma espécie de montanha mágica é predominante do protestantismo (pós) moderno brasileiro, ocupando esta prática o lugar da santificação pessoal e da renúncia. De forma que,

[...] quem tiver a habilidade de, no momento exato acertar o rito exato e forma exata atrai influências divinas favoráveis e afasta desfavoráveis [...] são prescrições rituais, que, embora regulem a vida exterior até nos mais insignificantes detalhes, não exigem a entrega da própria pessoa livre. Em vista disto, o pecado perde também muito do seu caráter moral.⁵¹

A adoração nos lugares altos parece atrair cada vez mais adeptos, e desde os tempos antigos, Israel parece ser atraído pela “tentação de praticar neles um culto sincretista”.⁵² Porém, Ezequiel 6.13 revela o resultado da sentença e a pena para o réu. Em primeiro lugar, a mão de Yahweh pesaria sobre o provo rebelde, diz o resumo do versículo 14. A figura é a mesma de uma criança que insiste em desobedecer ao pai. Redução de bênçãos e o sentimento de solidão é também parte da sentença. Isto porque Israel pecou, e agora os mortos (espirituais) estão em cima dos montes, nos lugares altos. Roland de Vaux assinala, ainda, que “a persistência desses abusos e o movimento de centralização do culto levaram à condenação dos lugares altos sem distinção e os *bamot* se tornaram sinônimo de santuários pagãos”.⁵³

Será que o grandioso número do IBGE, em relação ao crescimento de números de cristãos evangélicos no Brasil, está revelando também a sentença de Ezequiel 6.2,13 por consequência da idolatria protestante brasileira reunida no crescente número de divórcios, homicídios, latrocínios, pedofílias e a generalização da maldade no país? Respostas a estas perguntas é um bom incentivo à formatação de futuras pesquisas no campo da teologia e da ciência da religião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como o rebelde povo de Israel, algumas igrejas cristãs (pós) modernas estão caindo nos mesmos erros ou piores. Desta forma, é urgente uma nova reforma religiosa. Como no passado, é preciso tirar os ídolos, mas não apenas eles, pois, como pode ser conferido,

⁵⁰ JONES, 2015, p. 40.

⁵¹ RENCKENS, H. **A religião de Israel**. Tradução de Godoberto Cri. Rio de Janeiro: Vozes, 1969, p. 37.

⁵² VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 325.

⁵³ VAUX, 2010, p. 326.

Yahweh espera por um quebrantamento completo. Uma reforma que leve o povo a cumprir o pacto da aliança de forma integral. Não há espaço para paliativos na jurisdição de Yahweh. Não é prudente fazer como o Rei Asa, que tirou os ídolos da terra, mas não tirou os altos (1Rs 15.11-14), ou como o Rei Josafá, que tirou alguns ídolos que seu pai manteve, mas foi acusado por Deus por não retirar da liturgia israelita a adoração nos lugares altos (1Rs 22.43-47). Por fim, é possível citar ainda dois líderes do povo; o Rei Joás, que até fez um trabalho razoável com a ajuda do sacerdote Joiada, mas também foi acusado de aceitar que o povo fizesse adoração nos montes (2Rs 12.1-3) e o Rei Jotão, que até teve uma liderança razoável em Judá, porém não aprovada, conforme pode ser lido em 2 Reis 15.35: "Entretanto, os lugares altos não desapareceram e o povo continuou a oferecer sacrifícios e incenso nos lugares altos".⁵⁴ Da mesma forma, grupos de pessoas hoje, também com boa intenção – pois buscam o benefício do milagre como o povo de Israel e Judá - buscam nos montes uma colheita abundante. Mas diz o ditado popular: “de boa intenção, o inferno está cheio”; de forma que o Antigo Testamento lembra estes líderes por terem realizado um trabalho missional quase completo, porém eles permitiram a adoração em altos de montes.

Uma vez que no Brasil aumenta o número de evangélicos confessionais, proporcionalmente aumentam os crimes, a disputa e os pecados mais vis entre aqueles que dizem ouvir a voz de Deus nos montes das cidades. Assim, o presente artigo buscou trazer, a partir da análise do capítulo 6 do livro de Ezequiel, um novo diálogo sobre a obediência à Aliança de Deus com seu povo, com o objetivo de fazer uma apologia à prática de adoração nos montes praticada por alguns grupos de cristão na contemporaneidade e trazer à memória dos cristãos atuais que, “segundo a dinâmica geral da história deuteronomista, ao castigo seguia-se sempre a conversão-salvação”.⁵⁵

REFERÊNCIAS

ARCHER JR, Gleason L. **Panorama do Antigo Testamento**. 4.ed. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2012.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Edição revisada e atualizada. São Paulo: Paulus, 2013.

BÍBLIA KING JAMES ATUALIZADA. São Paulo: Abba Press, 2012.

BÍBLIA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2010.

BROWN, Raymond. **Entendendo o Antigo Testamento**: esboço, mensagem e aplicação de cada livro. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2012.

BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**: testemunho, disputa e defesa. Tradução de Jonathan Luís Hack. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2014.

⁵⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2013, p. 528.

⁵⁵ LAMADRID, 2015, p. 130.

DÍAZ, José Luis Sicre. **Introdução ao profetismo bíblico**. Tradução de Gentil A. Titton. Petrópolis: Vozes, 2016.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HOVESTOL, Tom. **A neurose da religião**: o desastre do extremismo religioso. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Hagnos, 2009.

JONES, Landon. **O Deus de Israel na teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2015.

JUNG, Karl. **O homem e seus símbolos**. 2.ed. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KUNZ, Marivete Z. Os espaços sagrados do povo de Israel no Antigo Testamento. **Via Teológica**, Curitiba, n. 20, p. 41-84, dez/2011.

KLEIN, Ralph W. **Israel no exílio**: uma interpretação teológica. Tradução de Edwino Ryer. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2012.

LAMADRID, A. G. **As tradições históricas de Israel**: introdução à história do Antigo Testamento. Tradução de José Maria Almeida. Petrópolis: Vozes, 2015.

PINTO, Carlos O. **Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2006.

RENCKENS, H. **A religião de Israel**. Tradução de Godoberto Cri. Rio de Janeiro: Vozes, 1969.

SCHWANTES, Milton. **Sufrimento e esperança no exílio**: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C. São Paulo: Paulinas, 1987.

SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de D. Matheus Rocha. São Paulo: Paulus; Academia Cristã, 2012.

SILVA, Rafael R. Leituras da Bíblia e o campo religioso brasileiro. In: **Ainda o sagrado selvagem**: homenagem à Antônio Gouveia Mendonça. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010.

VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.

WESTERMANN, Claus. **Basic forms of prophetic speech**. Londres: Lutterworth, 2001.

WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade**. 2.ed. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus; Targumim, 2006.